

Dossiê do Primeiro Congresso Internacional da Rede Ibero-Americana de Hermenêutica

Editores

Gastón G. Beraldi
Universidad de Buenos Aires¹

Andrés Contreras
Universidad de Antioquia²

Durante o mês de março de 2025, no Centro de Estudos Hermenêuticos da Universidade Nacional de San Martín e na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires, realizou-se, presencialmente e remotamente, o Primeiro Congresso Internacional da Rede Ibero-Americana de Hermenêutica (RIAH), sob a legenda: “Hermenêutica: tradição, debates e novas perspectivas”. Este Congresso, que contou com a participação de mais de cem expositores que responderam a uma convocação amplíssima, pretendeu cumprir alguns dos objetivos que a RIAH havia proposto para si mesma desde a sua fundação em 2023.

¹ Doutor em Filosofia pela Universidade de Buenos Aires e pela Universidade Complutense de Madrid. Professor Adjunto com funções de Professor Titular na Universidade de Buenos Aires. Professor Visitante na Universidade Complutense de Madrid, na Universidade de Zaragoza e na Universidade de Granada. Professor de Pós-Graduação na Universidade de Buenos Aires, na Universidade Nacional de Lanús, na Universidade Nacional de San Martín, na Universidade Católica da Argentina e na Universidade de Salvador. Pesquisador de Categoria III no Programa PRIUNAR. Membro dos projetos UBACyT (Argentina) e MICIN (Espanha). Membro da Comissão de Avaliação Externa de Projetos de Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica do Peru. Presidente da Rede Ibero-Americana de Hermenêutica. Membro do Conselho Editorial da Coleção Analogon: Coleção de Hermenêutica e Antropologia Filosófica (UASLP, México) e do Comitê Editorial da revista *Queastiones Disputatae* (UST, Colômbia). Coautor de *Epistemological Bestiary* (2017) e *Thinking about Science Today* (2015). Editor de *On a Southern Hermeneutics: From the Body of the Text to the Textuality of the Social* (2018) e *Hermeneutics at the Crossroads of Cultures: Polyphonies and Rewritings* (2013), e autor de mais de setenta publicações em periódicos científicos indexados de alto nível, capítulos de livros e materiais didáticos, dedicados à hermenêutica, à relação entre ciência e ética, à relação entre ética e estética, ao Barroco e à obra de Miguel de Unamuno. E-mail: gberaldi@uba.ar; Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1929-0354>

² Doutor em Filosofia pela Sorbonne Université e pela Universidade Complutense de Madrid, DEA em filosofia por esta última universidade e egresso do programa de filosofia da Universidade dos Andes (Colômbia). Publicou numerosos trabalhos sobre fenomenologia e hermenêutica. Membro ativo do Círculo Latino-Americano de Fenomenologia (CLAFEN), da Sociedade Ibero-Americana de Estudos Heideggerianos (SIEH) e da Rede de Pesquisa em Fenomenologia Naturalizada, Hermenêutica e Teorias da Doença. Membro do grupo de pesquisa interinstitucional “A hermenêutica na discussão filosófica contemporânea” (Colciencias) e professor associado do Instituto de Filosofia da Universidade de Antioquia (Colômbia). E-mail: andres.contreras@udea.edu.co; Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1842-1818>

Este primeiro encontro teve como objetivo atingir dois propósitos centrais: um institucional e outro acadêmico. A primeira delas, destinada à eleição das autoridades para os primeiros três anos de funcionamento da RIAH. A segunda tarefa, e a mais importante, foi recuperar as leituras canônicas da tradição hermenêutica, debater o alcance dessa corrente de pensamento na atualidade e abrir novas linhas e abordagens que nos permitiriam compreender a importância que a hermenêutica continua a ter hoje, apesar das novas tecnologias e do alcance do digital, ou talvez por causa delas; seja como arte da interpretação, como método ou forma específica de trabalho das ciências humanas, sociais e naturais, como forma de filosofia, ontologia e antropologia filosófica ou, em geral, como um modo de ler o mundo.

Nesse sentido, os trabalhos que compõem este dossiê da *Aoristo - International Journal of Phenomenology, Hermeneutics and Metaphysics*, que se somam ao monográfico publicado pela *Differenz - International Journal of Heideggerian Studies and its Contemporary Derivations* no início deste ano, reúnem uma seleção das versões revisadas e corrigidas de alguns dos artigos apresentados neste evento inaugural.

Em “Biotecnologia, organismo e transposição: Funcionalidade e integridade dos órgãos em relação ao recurso como indicação formal”, Leandro Cattogio propõe-se a investigar a biotecnologia atual – identificada com a definição heideggeriana de recurso (*Bestand*) – com base em sua caracterização como o uso de organismos e a extração de produtos úteis para o benefício humano. Ele questiona se existe outra compreensão possível do organismo que transcenda os princípios mecanicistas e vitalistas da vida e, ao mesmo tempo, possa fundar uma biotecnologia não reducionista. Partindo dessa premissa, a obra desenvolve como uma ontologia modal pode fornecer argumentos sólidos para a configuração de um mundo de possibilidades abertas, no qual a identidade é essencialmente prática.

Em “Hermenêutica espectral do pós-humano”, Nicolás Pairetti retoma a questão de Rosi Braidotti sobre a problemática relação entre humanidade e IA. Baseando-se na obra de Heidegger, *Identidade e diferença*, e na reflexão de Vattimo sobre o *Ge-Stell* heideggeriano, o autor propõe uma reflexão profunda sobre esse fenômeno por meio de uma hermenêutica capaz de definir os limites da dissolução que ele provoca. Assim, define essa proposta como uma hermenêutica que opera como um espectro capaz de ameaçar a consolidação do status quo, que, seguindo Byung-Chul Han, pode ser denominado “regime informacional”, utilizando a diferença ontológica na tradição crítica de Heidegger, Marcuse e Benjamin.

Em “Hermenêutica e Alquimia na Encruzilhada”, Carmen Fernández Galán Montemayor vincula as rotas de interpretação da hermenêutica a duas tradições interpretativas: a hermenêutica como filologia e o hermetismo como interpretação de textos secretos. Seu trabalho explora a linguagem alquímica e suas fórmulas de criptografia, os modos de interpretar textos e suas conexões com a hermenêutica simbólica. Ela também explica a relação entre imagem e escrita como um processo cognitivo e o conceito de círculo hermenêutico como uma estratégia de leitura, repetição e realização.

Em “A declaração da verdade da obra de arte: Um esboço de uma ontologia da imagem”, Ariadna González Martínez, tomando por referência o pensamento de

Gadamer, busca elucidar o tipo de *pretensão de verdade* que caracteriza a obra de arte a partir da perspectiva do modo de ser da imagem. A autora explica seu valor ôntico-ontológico e argumenta que o modo de ser da obra reside em sua autorrepresentação. Isso leva a uma abordagem da temporalidade inerente à obra como uma reflexão sobre o que ela apresenta, iluminando, assim, o modo de ser do espectador por meio do conceito de *teoria* e do valor cognitivo da mimese.

Em “Interpretar o mal estar: abrindo caminho para uma (psico)terapia fenomenológico-hermenêutica”, Fernando Gilabert Bello toma como ponto de partida as interpretações psicoterapêuticas extraídas dos estabelecimentos heideggerianos – especialmente aquelas relacionadas à analítica existencial e à transição da vida inautêntica para a autêntica por meio da angústia – para sustentar que uma interpretação adequada do mal estar, fundamento de toda terapia, pode ser alcançada pela união da fenomenologia e da hermenêutica. O autor argumenta que, embora a fenomenologia de Husserl e a psicopatologia de Jaspers tenham sido precursoras, a proposta heideggeriana de unificar o método fenomenológico com a hermenêutica de Dilthey é necessária para estabelecer uma forma válida de terapia. Assim, o trabalho propõe que a abordagem do mal estar deve ser feita a partir de uma estrutura que considere a finitude e a abertura próprias ao Dasein.

Em “A Hermenêutica da fé em *O sentimento trágico da vida* de Miguel de Unamuno”, Miguel Grijalba Uche propõe uma interpretação da religião de Unamuno a partir de uma perspectiva quixotesca. Para tanto, analisa a componente religiosa do pensamento do filósofo basco que, impulsionado pelo desejo de imortalidade, converte o sentimento trágico em obra original, nascida num contexto repleto de contradições existenciais e religiosas.

Em “A questão do *Méthodos* na filosofia de Martin Heidegger”, Vanesa Gourhand propõe-se a examinar um dos legados mais inovadores do filósofo alemão: o *μέθοδος* hermenêutico-fenomenológico articulado em relação ao Ser, na constante proximidade daquilo que se oculta. Apreender esse *hodós* implica dispor-se a uma experiência de pensamento que exige o abandono do que foi construído pela metafísica para embarcar numa peregrinação por caminhos que se abrem e divergem. A autora argumenta que, embora Heidegger nunca declare explicitamente um método, legou textos nos quais, partindo da própria experiência do pensamento reflexivo, é possível encontrar os caminhos da floresta (*Holzwege*), permitindo entrever a amplitude da rede dessa composição de fugas que guia o pensador em sua jornada. Para a autora, esse procedimento implica que o peregrino se deixe desafiar pela própria coisa que o convoca.

Em “Aporfática da physis: Heidegger e Angelus Silesius”, Gustavo Cataldo Sanguinetti aborda a reinterpretação que Heidegger faz do conceito grego de *physis*, baseando-se em sua exegese de Heráclito e, particularmente, no misticismo apofático de Angelus Silesius. Essa reinterpretação da *physis*, claramente anacrônica, é essencialmente impulsionada pela busca de uma nova forma de racionalidade fenomenológica – distinta da *ratio* moderna – capaz de confrontar o pensamento representacional característico da tecnologia moderna. Por meio de um diálogo com o ditado de Silesius sobre a rosa que “é sem porquê”, o autor examina a transição para

um pensamento meditativo que se afasta do princípio da razão suficiente para se abrir ao evento do ser como uma emergência desinteressada e infundada.

Em “Hermenêutica e acontecimento como instância crítica em Heidegger: elementos epistemológicos preliminares para a elaboração de um protocolo para a pesquisa em ciências sociais que considere a dimensão acontecencial”, Juan Pablo Esperón e Ricardo Etchegaray, com o objetivo de construir um protocolo para a pesquisa científica, propõem resgatar a hermenêutica como instância irreduzível para a pesquisa em ciências sociais. O artigo busca complementar essa instância com uma dimensão baseada no acontecimento (*Ereignis*), que consideram ausente na pesquisa científica contemporânea.

Em “Variações imaginativas em Paul Ricoeur: interpretação estética como acesso à verdade e redescrição do mundo”, Felicitas Casillo examina como Ricoeur compreende o conceito de “variações imaginativas” em *Do texto à ação*. Diferentemente do uso husserliano original, voltado para captar essências invariáveis, a autora destaca como Ricoeur emprega o conceito para explicar a abertura de possibilidades do ser por meio da mediação do texto. Essa noção, além de se relacionar à necessidade de um método para a hermenêutica, integra-se à filosofia e à proposta hermenêutica de Ricoeur e se articula com sua crítica às posições reducionistas do positivismo e do subjetivismo romântico. Assim, mediado pela interpretação, o discurso poético representa uma possibilidade de revelação e de impacto sobre o real.

Roberto Ballester Corres, em “Cogito hermenêutico?” “A herança cartesiano-reflexiva na antropologia hermenêutica de Paul Ricoeur” parte do debate aberto por Greisch sobre a possibilidade de um “cogito hermenêutico” e realiza uma análise da recepção e evolução do uso da noção de *Cogito* na filosofia hermenêutica de Paul Ricoeur, para mostrar, em primeiro lugar, o *Cogito* integral corporificado na fenomenologia eidética de Ricoeur de 1950. Em seguida, partindo da crise do *Cogito* e da análise do *Cogito* “fragmentado”, mostra o passo necessário para uma hermenêutica do eu como modelo superador que substitui a certeza do *Cogito* pela segurança e crença na atestação [*attestation*] de si, marcando a tarefa reflexiva como uma tarefa de decifração interpretativa que se situa como eixo central de sua antropologia filosófica.

Por fim, Juan Ignacio Blanco Ilari, em “Linguagem, ressonância pessoal e ética em Charles Taylor”, aborda a proposta de Taylor de superar o naturalismo e o procedimentalismo no campo da ética, com base em alguns eixos temáticos de *As fontes do Self*. Diante da possibilidade de que os bens morais estejam destinados a desaparecer, neste estudo o autor sustenta que somente o *modo discursivo poético/retórico* é capaz de libertar a força moral e espiritual dos bens constitutivos.

A resposta surpreendentemente massiva a este primeiro convite à reflexão sobre o alcance da hermenêutica no passado e na atualidade nos encoraja a prosseguir com este caminho iniciado na Antiguidade e a retomar estas conversas no próximo congresso, agendado para 2028, para o qual todas as pessoas estão convidadas.

Além dos trabalhos que integram o “Dossiê do Primeiro Congresso Internacional da Rede Ibero-Americana de Hermenêutica”, o presente número de *Aoristo – International Journal of Phenomenology, Hermeneutics and Metaphysics* também publica, separadamente, artigos, resenha e tradução provenientes de seu fluxo contínuo.